

A guerra acabou – Morre José Praxedes de Andrade

Revista Veja, 19 de dezembro de 1984

Morre rebelde comunista, clandestino desde 1935.

Assim como o japonês Hiroo Onoda, que trinta anos após o final da II Guerra Mundial ainda se recusava a apresentar sua rendição, escondido nas selvas das Filipinas, o sapateiro José Praxedes de Andrade, nascido nos arredores de Natal, Rio Grande do Norte, combateu por 49 anos uma guerra particular. Ela começa na madrugada de 28 de novembro de 1935, quando as tropas federais do Recife aproxima-se de Natal para escorraçar o derradeiro reduto da rebelião da Aliança Nacional Libertadora e o único governo comunista já implantado no Brasil – que durou quatro dias. Um dos cabeças do movimento, Praxedes fugiu para o interior, mergulhou na clandestinidade, sumiu. Não se aventurou sequer a sair do esconderijo para desfrutar o perdão das duas anistias concedidas a presos políticos, nessas cinco décadas: a de 1945 e a de 1979. Simplesmente, não se ouviu mais falar dele.

Na terça-feira da semana passada, na Vila Mapele, município de Simões Filho, na região metropolitana de Salvador, a tuberculose e complicações renais, mataram Eduardo Pereira da Silva, de 84 anos, casado quatro vezes, pai de sete filhos e avô de sete netos – e deram cabo aos 49 anos de clandestinidade de Praxedes. Eduardo teria levado para o túmulo os segredos e a lenda do rebelde Praxedes, se um jornalista de Brasília, Moacir Oliveira Filho, da *Última Hora*, não tivesse descoberto, há pouco mais de um mês, que Eduardo e Praxedes eram a mesma pessoa. Nem a mulher, Maria Félix da Silva, uma pernambucana de Caruaru, sabia. Ouvira-o vagamente falar de algumas aventuras políticas e não desconhecia suas atividades junto ao Sindicato dos Trabalhadores em Couros e Peles da Bahia, quando o conheceu, em 1962. “Para mim, vai ser sempre o Eduardo”, comentou, na semana passada.

De resto, só com muita generosidade os próprios filhos, e mais ainda os vizinhos de Vila Mapele, haveriam de ver um líder revolucionário na alquebrada figura de Eduardo, doente desde 1978 e vivendo de uma minguada pensão de 124 000 cruzeiros mensais, incluindo 30 000 cruzeiros do sindicato. “Mas dos antigos companheiros, nada, nem passar por aqui”, desabafou a mulher. Foi ali, no casebre, que o jornalista de Brasília colheu quatro dias de depoimento “de uma memória prodigiosa”, segundo Oliveira. O depoimento vai virar livro. Em troca, Oliveira tinha prometido ciceronear Praxedes numa nostálgica visitação a Natal, aonde jamais voltou, desde a derrota.

A curiosidade de Praxedes se voltava, em especial, para o Instituto Histórico de Natal, que guarda crônicas e lembranças de 1935. “Ele queria verificar até que ponto elas são exatas”, conta o jornalista. Queria checar, uma a uma, com as suas próprias lembranças – algumas das quais eram verdadeiros acertos de conta com a história. Praxedes narrou, em seu depoimento, que ele e o rebelde João Lopes, o “Santa”, que acabou presidente do “Governo Popular Revolucionário” de novembro, tinham vindo do Rio de Janeiro, de navio, com instruções de esperar o sinal do levante, que seria dado por Luís Carlos Prestes. No entanto, alguns líderes comunistas locais, a começar por um certo “cabo Dias” insistiram em que a tensão nos quartéis estava em ponto de ebulição. Decidiu-se precipitar a revolução. Mas a situação em Natal não era a

que se pretendia: só no ataque ao Batalhão de Caçadores, que começou às 7 horas da noite do dia 23 de novembro, os rebelados perderam 20 horas e muita energia. O estopim atingiu o Rio, onde o 3º Regimento de Infantaria, da Ilha Vermelha, se rebelou, sob o comando de Prestes, na madrugada do dia 27. O movimento foi, porém, debelado no mesmo dia.

Embora não tivesse se mostrado um primor em avaliações políticas e militares, o cabo Dias fez carreira dentro do Partido Comunista do Brasil (depois, Partido Comunista Brasileiro). Vem a ser Giocondo Dias, hoje secretário-geral. Praxedes, ao contrário, foi afastando-se gradativamente. Depois de fugir de Natal, ocultou-se da polícia numa barraca no meio do mato. Mas não conseguiu se enconder do PCB, que enviou um marujo para confiar-lhe a missão de reorganizar as destroçadas bases do partido no Recife. Do Recife para Maceió, dali para Salvador, sempre clandestino e militante. Em 1964, Praxedes, já então Eduardo desde 1938, desistiu da militância. Seu último ato político foi votar no PMDB, em 1978.

A anistia de 1945 Praxedes dispensou “porque não confiava em Vargas”, explicou, em seu depoimento gravado. Em 1979, condenado a viver *na cama*, não tinha mais porque reivindicá-la. Deixou tudo como estava – inclusive o nome falso. O consolo pela sua dura guerra particular, Praxedes conservou até o fim: o de não ter sido jamais descoberto ou preso, na clandestinidade. De 1930 a 1935, por cinco vezes seguidas, ele padeceu nas mãos do chefe de polícia de Natal e futuro presidente da República, José Café Filho. A Café Filho, Praxedes contemplou seu derradeiro rancor. No seu depoimento, fuzilou: “Foi o homem mais ambicioso que conheci. Tão ambicioso como ele, só mesmo o Maluf”.



www.dhnet.org.br